



CARTOGRAFIA SOCIAL COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO URBANA: O CASO DA CORÉIA, MESQUITA, RJ (SESSÃO TEMÁTICA 10)

Paula Menezes Salles de Miranda

IPPUR-UFRJ | paulamsmiranda@gmail.com

Gustavo Macêdo Poeyes

PROURB-UFRJ | gustavo.poeys@fau.ufrj.br

Sessão Temática 10: Territórios, lutas sociais, e planejamento em contexto de conflitos

Resumo: A cartografia social pode desempenhar papel fundamental em projetos e planos urbanos de bairros e favelas, permitindo que sujeitos locais sejam protagonistas no mapeamento de seus territórios, atribuindo nessa construção suas vivências, histórias e identidades, apontando possibilidades de transformação urbana com fim de criar melhores condições de vida. Este trabalho tem como objetivo apresentar a construção de uma cartografia social, realizada de maneira plural e colaborativa com apoio de técnicos, por meio da realização de oficinas e debates coletivos entre os moradores do bairro da Coréia, em Mesquita, no estado do Rio de Janeiro. A partir disso, são descritos: o processo de construção de cartografia social, os mapas produzidos, os resultados obtidos e possibilidades de ações futuras. Este artigo constrói um breve debate sobre a relevância da cartografia social como uma ferramenta de protagonismo político dos moradores, gerando análises e estabelecendo proposições urbanas. Esse trabalho sugere propostas para ampliação do debate acerca da relevância da cartografia social como elemento de metodologias participativas.

Palavras-chave: Cartografia social; Análise Urbana; Metodologia participativa

SOCIAL CARTOGRAPHY AS A TOOL FOR URBAN TRANSFORMATION: THE CASE OF CORÉIA, MESQUITA, RJ

Abstract: Social cartography can play a fundamental role in urban projects and plans for neighborhoods and “favelas”, enabling local residents to take the lead in mapping their territories. This process incorporates their lived experiences, histories, and identities, pointing to possibilities for urban transformation aimed at creating better living conditions. This study aims to present the development of a social cartography, carried out in a pluralistic and collaborative manner with technical support, through workshops and collective debates among residents of the Coréia neighborhood, located in Mesquita, Rio de Janeiro state. It describes the social cartography development process, the maps produced, the results obtained, and possibilities for future actions. This article provides a brief discussion on the importance of social cartography as a tool for political agency among residents, generating analyses and establishing urban proposals. The study proposes expanding the debate on the relevance of social cartography as a component of participatory methodologies.

Keywords: Social cartography; Urban Analysis; Participatory methodology

CARTOGRAFÍA SOCIAL COMO HERRAMIENTA DE TRANSFORMACIÓN URBANA: EL CASO DE CORÉIA, MESQUITA, RJ

Resumen: La cartografía social puede desempeñar un papel fundamental en proyectos y planes urbanos de barrios y asentamientos, permitiendo que los residentes locales sean protagonistas en el mapeo de sus territorios. Este proceso incorpora sus vivencias, historias e identidades, señalando posibilidades de transformación urbana orientadas a crear mejores condiciones de vida. Este estudio tiene como objetivo presentar la construcción de una cartografía social, realizada de manera plural y colaborativa con apoyo técnico, a través de talleres y debates colectivos entre los residentes del barrio de Coréia, ubicado en Mesquita, en el estado de Río de Janeiro. Se describen el proceso de construcción de la cartografía social, los mapas producidos, los resultados obtenidos y las posibilidades de acciones futuras. Este artículo propone un breve debate sobre la relevancia de la cartografía social como una herramienta de protagonismo político de los residentes, generando análisis y estableciendo propuestas urbanas. Este trabajo sugiere ampliar el debate sobre la importancia de la cartografía social como un elemento de metodologías participativas.

Palabras clave: Cartografía social; Análisis Urbano; Metodología participativa

INTRODUÇÃO

A cartografia social desempenha um papel fundamental em projetos e planos urbanos de bairros e favelas, pois permite que os grupos locais participem do mapeamento de seus territórios, contribuindo para a transformação do espaço a partir de suas vivências, histórias e identidades. De acordo com Acselrad e Viégas (2013, p.17) “a cartografia social pode ser entendida como a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão”. Esse tipo de cartografia vai além das representações técnicas, podendo incorporar os saberes e as perspectivas dos moradores, fortalecendo a identidade coletiva e promovendo o reconhecimento de seus direitos.

As experiências de inclusão de populações locais em práticas de mapeamento multiplicaram-se a partir da década de 1990 e desde então há um número crescente de cartografias voltadas para lutas, conflitos sociais e para a ação social (Acselrad, 2010; Santos, 2012). A participação de sujeitos não estatais na produção de conhecimento sobre o território, fora dos limites estabelecidos pelo Estado, dá origem a uma nova dinâmica no campo das disputas territoriais, bem como na composição dos atores sociais envolvidos (Acselrad, 2010). Essas formas de representação se destacam por mostrar aspectos da realidade — como fenômenos, processos, elementos, atores e ações — que geralmente recebem pouca atenção nas representações espaciais cartográficas dominantes (Santos, 2012).

Além disso, Santos (2012) destaca outros aspectos que distinguem essa cartografia da hegemônica, como as possibilidades de desenvolvimento de novas formas de representação, que buscam romper com as cartografias convencionais, além dos processos participativos, diferenciando relações de poder e saber entre os meios de produção cartográficas hegemônicas e os grupos sociais. Os objetos cartográficos têm sido utilizados como leituras sociais do território, que se confrontam com as interpretações oficiais e/ou dos atores hegemônicos, rompendo com o monopólio dos técnicos, com o controle de representação do Estado, forças militares ou grandes corporações. Questionando, assim, o significado oficial da construção de mapas e contribuindo para a resignificação do termo “cartografia” no contexto contemporâneo (Santos, 2012; Acselrad; Viégas, 2013).

Dessa forma, essas cartografias funcionam como instrumentos de fortalecimento da identidade social e de articulação política, permitindo uma ruptura com a inviabilização a eles imposta pela estratégia de dominação (Santos, 2012). Vale ressaltar que os mapas são entendidos como representações visuais que enriquecem o diálogo em um mundo construído socialmente, podendo ser meios de imaginação, articulação e estruturação do mundo. Eles devem ser interpretados como representações carregadas de juízo de valor, e não meramente levantamentos de paisagens morfológicas ou reflexos passivos do mundo dos objetos (Harley, 2009).

Garantida a autonomia da produção informal espacial, esse processo de desenvolvimento de cartografias sociais, pode-se avançar rumo à constituição de grupos como sujeitos políticos,

dando visibilidade a seus territórios, identidades, conflitos, lutas, representações; auxiliando na ampliação de conhecimento dos grupos sobre seus territórios; na luta por suas reivindicações; fortalecendo organização comunitária; e ampliando o diálogo entre esses grupos e instituições governamentais (Acselrad; Viégas, 2013).

Nos processos de desenvolvimento de planos ou projetos de transformações de bairros, por meio de métodos participativos e com o auxílio da cartografia social como uma ferramenta de compreensão e debate sobre o território, é possível identificar problemas específicos, como ausência de infraestrutura adequada e serviços básicos ou a identificação de pessoas em áreas de risco, relacionando tais questões as possíveis potencialidades do local. Essa abordagem contribui para a criação de soluções urbanísticas contextualizadas, pois considera as vivências e os anseios das pessoas diretamente afetadas.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a construção de uma cartografia social, realizada de maneira plural e colaborativa com apoio de técnicos, por meio da realização de oficinas e debates coletivos entre os moradores do bairro da Coreia, em Mesquita, no estado do Rio de Janeiro, que será apresentado como estudo de caso. O estudo de caso apontado neste estudo faz parte de uma consultoria técnica realizada pelos autores, com fim de realizar uma análise urbana no bairro da Coréia, em Mesquita. Esse trabalho fez parte de um Edital de Chamamento Público do CAU/BR com foco em ações de prevenção e mitigação de riscos climáticos e recuperação de áreas degradadas por desastres ambientais a partir da ATHIS, baseado num termo de fomento, que teve a coordenação realizada por membros da Universidade Estácio/Nova Iguaçu e parceria com a Associação de Moradores do bairro Coréia. Ressalta-se que os autores deste trabalho foram contratados para a realização de oficinas com os moradores e análise urbana do bairro e as atividades que ocorreram no ano de 2023.

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA

O bairro da Coréia está localizado no município de Mesquita, inserido na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense. Segundo dados do IBGE (2022), a população municipal está estimada em 167.127 pessoas. Localidade original dos índios Jacutingas, a cidade foi ponto de instalação de fazendas agrícolas no período colonial, fortalecidas pela farta localização de mananciais de água que desciam da Serra do Mendanha. Em 1999, Mesquita deixa de ser distrito de Nova Iguaçu e emancipa-se para município.

O bairro Coréia, localizado ao norte do município, divisa com o município de Nova Iguaçu, faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Gericinó Mendanha, que abrange áreas de Mesquita, Nova Iguaçu, Nilópolis e bairros da zona oeste do Rio de Janeiro. Nesta APA, está localizado o Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, no qual um dos acessos se encontra no referido bairro.

A Coréia é cortada pelo Rio Dona Eugênia, curso d'água presente em todo o eixo norte-sul do perímetro urbano, e pela Avenida Brasil, via arterial que atravessa seus limites na mesma direção. A Avenida São Paulo, embora situada fora dos limites normativos do bairro, desempenha um papel importante para a circulação e vivência urbana, funcionando como eixo de conexão entre bairros vizinhos e demais municípios da região. Além disso, está próximo de duas estações de trem: Mesquita e Presidente Juscelino, ambas do ramal Japeri da SuperVia, oferecendo possibilidade de deslocamento para a região central do Rio de Janeiro, até a estação Central do Brasil, ou ampliando a possibilidade de deslocamento regional.

Majoritariamente composto de residências unifamiliares com dois pavimentos, não apresenta um centro comercial definido ou processo de verticalização perceptível. As principais áreas de lazer incluem a Praça Brasil, que é um espaço público de convivência para moradores da região, e a Quadra da Peteca, local que promove atividades esportivas e recreativas, sendo bastante frequentada pela comunidade local. Sua divisa sul se aproxima da prefeitura, localizada no bairro Centro (figura 1).

Figura 1:



Nota: Mapa-base e delimitação do perímetro do bairro Coréia no município de Mesquita, Rio de Janeiro.
Fonte: os autores, 2023.

CONSTRUÇÃO DA CARTOGRAFIA SOCIAL

A cartografia social foi criada tendo como principal base de informações as perspectivas dos moradores do bairro Coréia, enquanto fonte de análise e matéria-prima para proposições de transformações territoriais. Para tanto, foi construído um método de trabalho que amparou-

se em duas frentes de ação: a troca de informações por meio de oficinas participativas e a construção de mapas-síntese como documentos principais de reflexão espacial.

As oficinas participativas foram marcadas previamente e comunicadas à Associação de Moradores para que fosse realizado um chamamento. Antes da realização das oficinas, a equipe do projeto, em parceria com a Associação de Moradores, promoveu uma divulgação no bairro, buscando garantir a atuação efetiva da comunidade nessa etapa de análise local. Destacamos a importância da presença de moradores e frequentadores do bairro, de modo a ampliar as contribuições e fortalecer o caráter democrático das tomadas de decisões.

As oficinas aconteceram em quatro dias e tinham como fundamento, respectivamente, os seguintes pontos: (i) a aproximação dos técnicos com moradores, a explicação das dinâmicas e o reconhecimento do bairro pelas pessoas presentes; (ii) o reconhecimento de problemáticas urbanas; (iii) o reconhecimento de potencialidades locais e; (iv) a sugestão das prioridades de transformações.

Cada etapa descrita foi concluída com a construção de um mapa amparado em um breve relatório que sistematizou as colocações de cada um dos presentes durante cada oficina. Posteriormente, a consolidação das premissas de cada oficina foi pactuada em um mapa síntese.

Em todas as oficinas utilizou-se um mapa-base (um para cada oficina) como principal ferramenta de trabalho numa relação entre usos do espaço, deslocamentos, relações de lazer, comércio e ócio entre outras a serem reconhecidas e especializadas. Antes da imersão no território foi desenvolvido esse mapa do bairro, considerando a identificação de alguns pontos-chave, localidades de acesso público, para facilitar o reconhecimento dos espaços pelos participantes. Vale ressaltar que essa identificação foi feita pelos técnicos (autores), para ser complementada posteriormente pelos moradores. A escolha por usar como base um mapa com imagem de satélite tem relação com a possível identificação das pessoas com esse tipo de recurso visual, que é frequentemente utilizado em aparelhos de comunicação móvel. Além disso, esse tipo de representação pode facilitar a identificação de edificações, praças e áreas verdes por ser feito através de imagens de satélite.

A seguir, explica-se o processo de realização das quatro oficinas conduzidas pelos técnicos (autores) no Bairro da Coréia. Para esse trabalho será considerada uma explicação da metodologia participativa aplicada, focando na utilização da cartografia social como recurso de construção coletiva em busca da análise de questões urbanas no território.

PRIMEIRA OFICINA

A primeira oficina teve como objetivo o reconhecimento de pessoal, aproximação com o projeto, além de um debate inicial sobre o território. Para esta oficina foi utilizado o mapa-base desenvolvido previamente.

No começo da oficina foi feito, inicialmente, um breve debate sobre o cotidiano dos moradores no território, no que tange, principalmente, questões urbanas como mobilidade, tendo como foco a qualidade do transporte público, locais de lazer, a qualidade habitacional, e a disponibilidade de infraestrutura das águas urbanas, tendo como percepção principal o abastecimento de água e o saneamento. Ainda foi mencionada a importância do rio Dona Eugênia como elemento que, não só marca a presença da água derivada da serra dentro do bairro, como uma representação deste elemento hídrico enquanto possibilidade de diferentes ritos sociais (entre pontos de encontro, lazer, mobilidade e, inclusive, trabalho). Nesse momento da dinâmica, levando em conta diferentes perfis de idade, raça e gênero entre os presentes, foi possível distinguir diferentes relatos sobre a vida no bairro, enquanto recorte histórico (por pessoas que ainda vivam no local antes mesmo da emancipação municipal), enquanto transformações urbanas ao longo do tempo, práticas de atividades cotidianas, reconhecimento de práticas culturais e a construção de sociabilidades locais.

Na sequência, foram realizadas duas dinâmicas utilizando o mapa do bairro colado na parede: (i) identificação dos moradores e (ii) identificação de pontos importantes no bairro. A primeira dinâmica consistiu em uma rodada de apresentação para identificação dos participantes e seus locais de moradia ou trabalho. Para maior interação entre as pessoas, foi incentivado que os próprios moradores identificassem seus nomes no mapa, gerando também uma familiarização dos participantes com a cartografia.

Finalmente, foram elencadas localidades de diferentes relevâncias no bairro para inclusão no mapa. Enquanto mapa-base, foram indicados, prioritariamente, locais de uso público como edifícios escolares, estabelecimentos de saúde, Centros de Referência de Assistência Social e o local da Associação de Moradores. A partir da intervenção dos participantes, novos pontos foram acrescentados no mapa, considerando suas vivências no bairro, como escolas, um campo de futebol e o acesso a um Parque Natural Municipal (figura 2). Ressalta-se que o reconhecimento desses novos locais estavam demarcados para além dos limites normativos. Ao término da primeira oficina foi estabelecida uma maior proximidade dos participantes com a cartografia que foi utilizada em todas as oficinas.

Figura 2:

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS MORADORES NO BAIRRO

Mapa realizado de acordo com os nomes dos participantes e seu local de moradia e trabalho



Nota: Mapa de identificação dos moradores (os nomes dos participantes foram apagados).
Fonte: os autores, com base no mapa desenvolvido na oficina, 2023.

SEGUNDA OFICINA

A segunda oficina foi iniciada com a identificação dos participantes no mesmo mapa utilizado no primeiro dia. Essa atividade foi feita em todos os demais encontros, com o intuito de ter o registro dos presentes em todas as etapas, considerando suas respectivas localidades. Neste segundo momento, foram identificados problemas do bairro a partir de debates com os participantes, tomando como eixos de enunciação cinco temas principais: habitação, mobilidade, meio ambiente, equipamentos públicos e desenvolvimento econômico.

Sobre o tema habitação, foram realizadas perguntas relacionadas à risco estrutural e desmoração, ampliações urbanas, construções com materiais precários e habitações construídas em cursos d'água. Em relação ao tema mobilidade, foram debatidos qualidade e quantidade de transportes públicos e alternativos, além de transporte individual. Também foram feitas perguntas sobre ciclovias, calçadas, pontos de ônibus e sinalização. Já no tema meio ambiente, foram realizadas perguntas sobre cursos d'água, alagamentos, esgoto in natura, falta d'água e coleta de lixo, questões sobre espaços verdes do bairro e arborização de ruas. No que tange os equipamentos públicos, debateu-se sobre espaços educacionais (escolas, creches), de saúde (hospitais, clínicas), de lazer (praças, parques), culturais e CRAS, além de iluminação pública. Finalmente, em relação ao último tema, desenvolvimento econômico, foram realizadas perguntas sobre a relação entre trabalho e território, englobando comércios formais e informais, feiras, cooperativas e locais de emprego em geral.

relatos ambientais revelaram o quanto a população do bairro reconhece a natureza como parte integrante da construção de uma identidade local, desde a proximidade e o uso do Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, até a presença do rio Dona Eugênia e os impactos gerados pelo avanço da construção de casas próximas às encostas da serra.

De maneira geral, os equipamentos públicos existentes no bairro suprem as necessidades dos moradores. Entretanto, foi pontuada a falta de um hospital de alta capacidade e vasto atendimento, sendo afirmado pelas pessoas presentes que o mais próximo localiza-se em Nova Iguaçu.

Relacionado ao tema desenvolvimento econômico, os moradores ressaltaram que existem feiras no bairro, contudo, com pouca frequência. Existe comércio local de pequeno porte e ausência de amplas áreas comerciais. Finalmente, chamaram atenção para a presença de comércio informal nas ruas, em dias específicos, na Praça Brasil e na Av. São Paulo.

No cerne das questões apresentadas, a identificação de problemáticas foi entendida como questões derivadas de processos urbanos, afastando-se de um levantamento meramente quantitativo, com objetivo de gerar uma análise territorial complexa e sistêmica. A utilização de mapas para identificação de problemáticas no bairro foi fundamental para ativar memórias cotidianas através da representação espacial.

TERCEIRA OFICINA

A terceira oficina foi realizada por meio de uma dinâmica semelhante à anterior, utilizando o mesmo mapa para apontar as potencialidades sobrepostas às problemáticas já identificadas, além de ter sido criada uma nova tabela. O debate foi realizado seguindo temas relacionados a diferentes práticas: sociais, culturais, econômicas, religiosas e locais específicas.

Relacionado ao tema práticas sociais, foram realizadas perguntas sobre espaços para realizar exercícios físicos e esportes, para lazer infantil, de adultos e idosos. Para entender as práticas culturais locais, foram realizadas perguntas sobre festas na comunidade (junina, municipal, carnaval, réveillon), eventos culturais (shows, danças, capoeira), atividades específicas promovidas por moradores ou grupos. Já em relação ao tema práticas econômicas, foram debatidos eventos de trocas comerciais, cooperativas e locais que costumam ter vendas. Em relação às práticas religiosas, os participantes foram questionados sobre festas e atividades religiosas e eventos de caridade. O último tema debatido foi práticas locais específicas, no qual foram realizadas perguntas sobre atividades ou iniciativas locais feitas pelos moradores, como hortas, criação de caminhos, pontes e apropriação de espaços abandonados.

A dinâmica funcionou de maneira semelhante à oficina anterior. Ao passo que os moradores respondiam a cada pergunta, as potencialidades eram identificadas no mapa e na tabela de cartolina elas eram descritas. Os participantes eram incentivados a apontar no mapa as respectivas potencialidades, para criar maior engajamento, dinamismo e identificação com a representação proposta.

O recurso visual do mapa funciona como um suporte para ativação de lembranças e a identificação do território, ajudando na compreensão, reflexão e apontamento de aspectos da realidade cotidiana, histórica, subjetiva e coletiva. A fala, por sua vez, expressa a experiência vivenciada pelos moradores e traz consigo relatos da vida urbana e das lutas sociais.

Como resultado final desta dinâmica, tivemos o mapa do território com as identificações de potencialidades (figura 4), junto dos problemas locais marcados anteriormente, além das tabelas com a descrição dessas potencialidades.

Figura 4:



Nota: Mapa de potencialidades.
Fonte: os autores, com base no mapa desenvolvido na oficina, 2023.

Durante a oficina, os moradores apontaram locais do bairro que costumam fazer caminhadas, exercícios e andar de bicicleta. Também relataram sobre festividades locais específicas e esporádicas que envolvem brincadeira de pipa e práticas religiosas. A Quadra da Peteca foi indicada como um local de prática de futebol onde frequentemente acontecem campeonatos de futebol, assim como no campo do Potyguar, na Rua Paraná e no Tênis Clube. A partir das falas dos moradores percebemos o uso diversificado e dinâmico do campo do Potyguar. Contudo, no período das oficinas, o mesmo passava por uma reforma com fim de receber uma nova escola pública e uma Clínica da Família. Esses novos usos poderão trazer novas sociabilidades para a localidade transformando-a em uma possível centralidade para o bairro. Outros locais no bairro apresentam brinquedos infantis, mas alguns moradores reclamaram da pouca quantidade e da falta de manutenção.

Relacionado à práticas culturais, foram apontadas algumas atividades que acontecem no bairro, como baile na quadra da peteca, pagode e forró na área da Prefeitura de Mesquita, na área central próxima ao limite sul do bairro, e shows no Tênis Clube (próximo à prefeitura). Entretanto, muitos participantes se queixaram da ausência de eventos, os quais aconteciam no bairro há alguns anos, como festas/ comemorações de carnaval e ano novo.

Ao debater o tema práticas econômicas foram indicados locais onde ocorrem feiras (de alimentos), como a Rua Goiás, Av. São Paulo e Feliciano Sodré, e feira de artesanato, a qual acontece na Prefeitura de Mesquita. A estação de trem concentra venda informal que pode ser entendida como um potencial relacionado a esse tema.

Algumas práticas religiosas estão presentes no bairro, como a Festa de Santa Rita (que tem caráter de festa junina), junto com procissão em ruas do bairro. Assim como na Igreja de Nossa Senhora das Graças que também realiza festa junina e doações de comida. Os moradores também afirmam ter assistência psicológica no templo espírita na rua Padre Frank Karl próximo à Praça Brasil.

Foram apresentadas questões específicas do bairro no âmbito da infraestrutura urbana, como a existência de uma ponte improvisada próxima ao Parque Municipal e de atividades que acontecem na Av. São Paulo.

É perceptível uma centralidade de ações e atividades culturais esporádicas no espaço da Prefeitura de Mesquita e de atividades relacionadas à esporte e lazer na praça Brasil. A Av. São Paulo foi citada diversas vezes pelos moradores sendo local de várias atividades, existentes e esporádicas, destacando a importância dessa avenida para o bairro. Em geral, as atividades esportivas acontecem nas quadras e campos. As ruas do bairro são ocupadas de maneira espontânea como uma extensão de casas e lojas.

QUARTA OFICINA

A última oficina teve como objetivo debater as prioridades para as transformações do bairro, para isso, foram realizadas duas dinâmicas integradas. Na primeira dinâmica, foi desenvolvido um quadro para os moradores descreverem as prioridades a serem implementadas no bairro. A segunda dinâmica teve como princípio a construção de um mapa afetivo, no qual os participantes deveriam criar uma montagem com recortes de figuras que ilustrassem algumas possibilidades de transformação do território.

A partir da primeira dinâmica foi reforçado que o problema de transporte público é a prioridade apontada pelos moradores do bairro, o que corrobora com as questões debatidas na oficina de problemáticas. Outras questões foram indicadas nesta atividade, como: (i) falta de iluminação em alguns trechos da Av. Brasil; (ii) problemas no asfalto de algumas ruas no bairro; (iii) falta de apoio à primeira idade; (iv) a necessidade de espaços para apoio à animais abandonados (como sugestão foram apontados a criação de um abrigo e de clínicas públicas veterinárias). A falta de comércio foi indicado como prioridade por uma moradora, no sentido

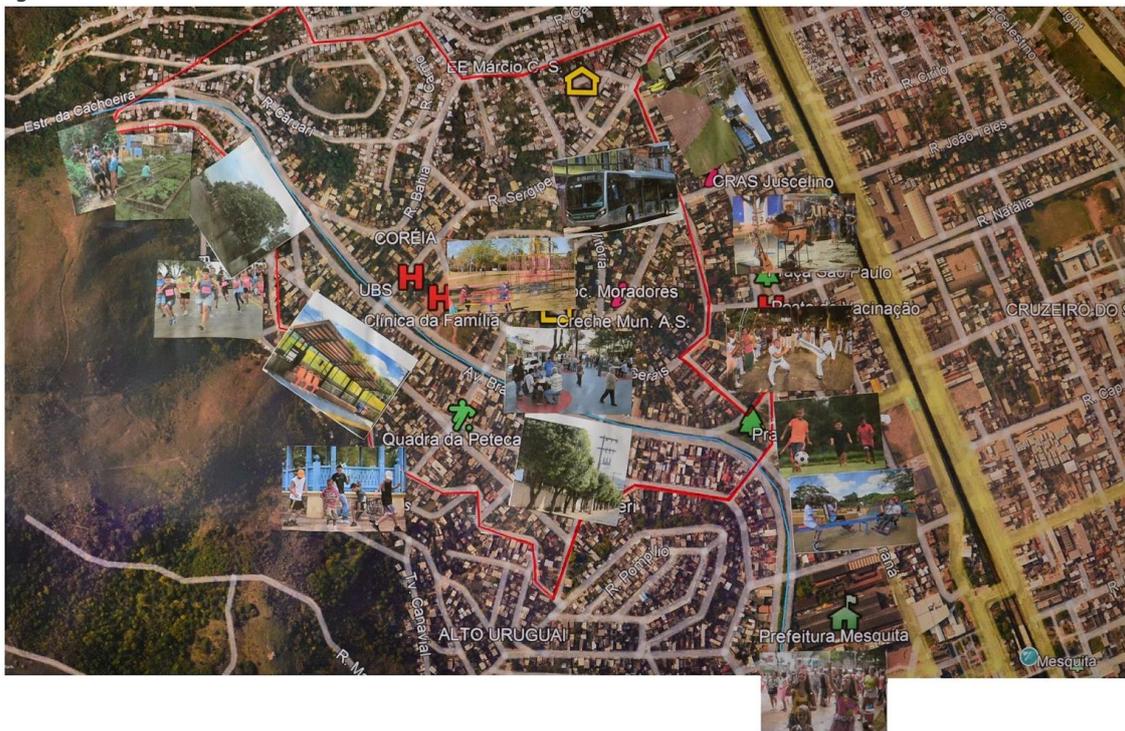
de “comércio de grande porte”. No que tange as potencialidades, as participantes comentaram sobre criação de cursos profissionalizantes e cursos técnicos, a revitalização do rio e seu entorno, novos usos para áreas vazias do bairro e o retorno de festas comemorativas (como carnaval e ano novo). Além disso, indicaram como prioridade a criação de espaços para lazer em geral, esportes, novas praças, mais mercados e mais comércio.

A atividade do mapa afetivo foi uma complementação da primeira dinâmica, na qual as imagens ajudam a ilustrar as prioridades, além de trazer outras sugestões para o território (figura 5). Na prefeitura de Mesquita foi colada uma imagem de carnaval, que se relaciona à uma das prioridades indicadas na dinâmica anterior.

Na Av. São Paulo algumas participantes indicaram ciclovia e prática de capoeira, e na Praça São Paulo apresentação musical. O que reforça a importância desta avenida para os moradores, conforme interpretado a partir das oficinas anteriores. Na Praça Brasil foram sugeridas a prática do futebol e brinquedos infantis acessíveis.

A Av. Brasil, importante eixo do bairro, também apareceu na atividade a partir de imagens de arborização, de atividade de idosos e ponto de ônibus. Próximo ao campo do Potyguar, foi colada uma imagem de brinquedos infantis, o que pode reforçar a ideia deste espaço como central para o bairro e de multiatividades. Na franja do bairro próxima ao maciço, as participantes indicaram atividades de dança e corrida. Na estrada para a cachoeira, na direção do Parque Municipal foram coladas imagens de horta e trilhas, o que nos indica atividades voltadas à áreas livres e de vegetação.

Figura 5:



Nota: Mapa afetivo representando as prioridades de transformação no bairro.
Fonte: os autores, com base no resultado da oficina, 2023

POSSIBILIDADES DE UMA AGENDA POLÍTICA

A partir do material desenvolvido nas quatro oficinas, foram consolidadas as possibilidades de encaminhamentos e a criação de um mapa síntese. Buscou-se aprofundar a participação dos moradores na busca pelo cumprimento de deveres pelo poder público, tendo fim a aplicação de leis já previstas (planos e políticas) para aperfeiçoamento e ampliação do processo democrático sobre o espaço urbano.

Durante a realização das oficinas e o andamento das atividades, foi percebida uma crescente participação dos moradores com ampliação do número de presentes, diversas contribuições envolvendo debates sobre diferentes aspectos do bairro - infraestrutura, uso e ocupação dos espaços livres e das edificações, práticas de cultura e lazer (assim como as ausências das mesmas) e prioridades de transformação urbana, como mobilidade e maiores opções de lazer e comércio. Os debates foram utilizados como ferramenta para criação dos mapas e apoio no cruzamento com dados primários (com base no IBGE), os quais possibilitaram a criação de uma matriz de intervenções comprometida com a realidade local e indicação de projetos embasados nas sugestões dos moradores. Dessa forma, tomando como norteadores as colaborações das oficinas, com o objetivo de criar um possível caminho adequado para gestão e planejamento do bairro contrariando rumos de impactos ambientais e reduzindo desigualdades sociais, foi sugerido:

Ampliar a participação dos moradores nos debates sobre as problemáticas e potencialidades do bairro, fazendo com que a Associação de Moradores torne-se um local de reconhecida participação e poder decisório de caráter arquitetônico e urbano à luz dos conflitos trazidos pela população local;

Orientar a população para que possa ter papel fundamental no acompanhamento das decisões do poder público sobre as transformações urbanas que poderão ocorrer no bairro;

Formar quadros de profissionais técnicos do poder público e agentes locais para que sejam reconhecidos como referências em articular uma frente de trabalho pautada na participação local e na cartografia construída;

Articular uma ampla transparência de informações entre poder público e os moradores do bairro para que sejam atualizadas e integradas as informações sobre gestão e planejamento urbano;

Debater formas de articulação local do bairro da Coreia com os bairros limítrofes e a região central, considerando uma possível integração de ações entre diferentes regiões;

Considerar a valorização ambiental presente nas características do bairro - principalmente o rio Dona Eugênia e o Maciço de Gericinó-Mendanha - como norteador para ações futuras, incentivando a preservação dos bens naturais do município como um todo.

DIRETRIZES PARA UM PLANEJAMENTO URBANO E AMBIENTAL

Com fim de execução de um possível plano de ação urbana para o bairro da Coréia ou o estímulo ao cumprimento de metas e objetivos previstos em planos municipais vigentes, tomando como base as colaborações dos moradores durante as oficinas, as bases normativas municipais (Plano Diretor e LUOS vigente) e os resultados da cartografia social, foram pactuadas as seguintes ações com os moradores:

O desenvolvimento do Plano Municipal de Erradicação e Contenção de Riscos, tal qual previsto na LUOS municipal, o qual se estima uma atuação ambiental direta no bairro da Coréia;

Ampliar infraestrutura para bicicletas, conforme previsto no Plano de Mobilidade do município;

Implementar calçadas com materiais e mobiliários urbanos adequados, com acessibilidade, que não ofereçam riscos de queda, conforme previsto no Plano de Mobilidade do município;

Fazer com que o transporte público possa satisfazer as condições de regularidade, continuidade, eficiência, segurança, atualidade, generalidade e cortesia na prestação e modicidade das tarifas, conforme previsto no Plano de Mobilidade do município;

Atuar segundo as premissas de atendimento de salubridade urbana, conforme previsto na Política Municipal de Saneamento Básico de Mesquita;

Atuar junto ao Comitê Gestor do Plano Municipal de Desenvolvimento para os Pequenos Negócios com fim de ampliar a oferta de emprego e renda no bairro por meio da criação e/ou formalização de comércios locais;

Ampliar ações de atendimento às políticas de gênero no bairro, conforme premissas do Plano Municipal de Políticas para Mulheres;

Além dessas aproximações institucionais, foram especializadas regiões distintas no bairro prevendo intervenções integradas ao espaço existente e colocando novas propostas em debate. Esses locais foram divididos em quatro localidades e espacializados em um mapa síntese (figura 6), conforme seguem listadas abaixo.

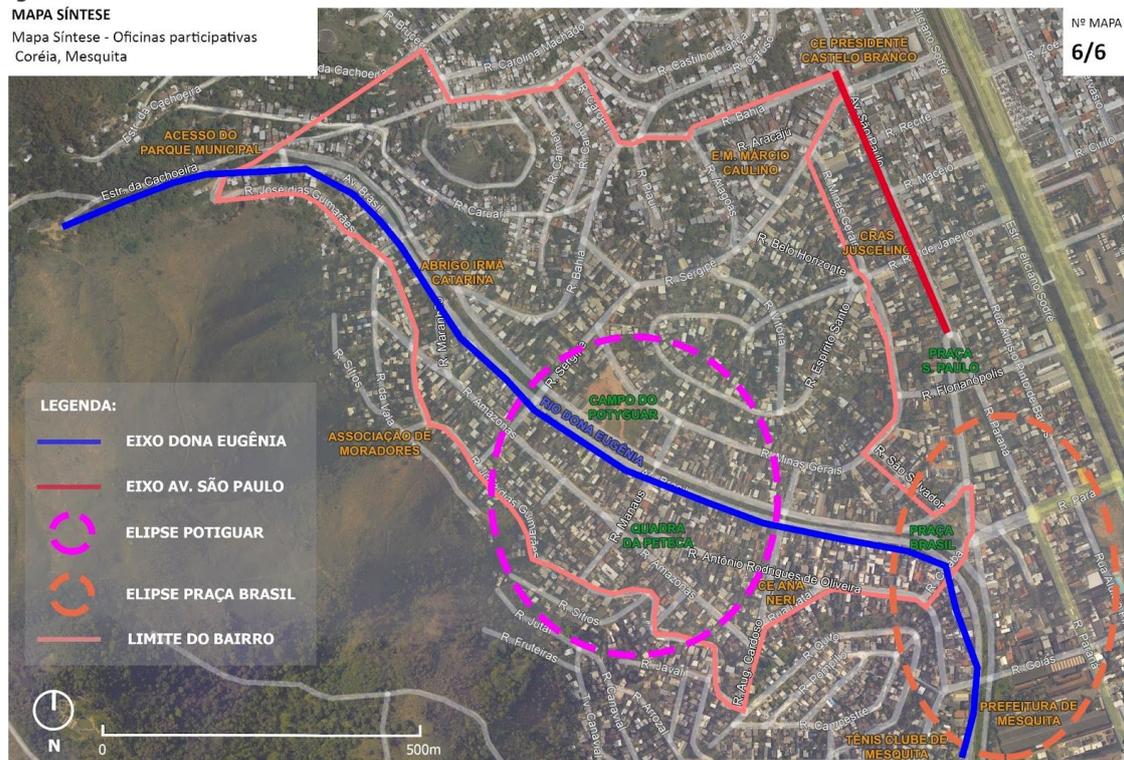
Elipse Potyguar: constituição de uma centralidade local estabelecendo atividades potenciais que envolvam serviços públicos e privados como comércio, lazer, educação, saúde, preservação ambiental e mobilidade ativa;

Elipse Praça Brasil: constituição de uma articulação regional entre o bairro, o centro de Mesquita e os bairros localizados do outro lado da linha do trem. Sugere-se que a marcação possa articular transporte ativo público, serviços culturais e qualificação da Praça Brasil valorizando e ampliando as atividades que já acontecem no local;

Eixo Av. São Paulo: possibilidade de ampliar atividades efêmeras e comércio tendo a rua como passeio público. A valorização desse eixo (norte/ sul) permite uma comunicação nos limites do bairro próximos à linha do trem (superando o enclave) e aproximando a população de Nova Iguaçu do centro comercial de Mesquita;

Eixo Dona Eugênia: eixo de potencial impacto ambiental com possibilidade articular ações locais reconhecidas pelos moradores (como comércio e lazer) com educação ambiental. Aproximar a sociedade de instituições governamentais é outro impacto significativo da cartografia social. Mapas que refletem demandas comunitárias têm o poder de dialogar com gestores públicos, apresentando problemas e soluções de maneira visual e concreta. Esse tipo de diálogo, como aponta Acselrad (2011), transforma os mapas em ferramentas de mediação entre o local e o institucional, ajudando a alinhar políticas públicas às necessidades reais da população. Dessa forma, a cartografia social não apenas denuncia desigualdades, mas também propõe caminhos para superá-las.

Figura 6:
MAPA SÍNTESE
 Mapa Síntese - Oficinas participativas
 Coréia, Mesquita



Nota: Mapa Síntese.
 Fonte: os autores, 2023.

CONCLUSÕES DO TRABALHO

O processo de criação de uma cartografia social, contando com uma participação plural, aponta caminhos de planejamento que podem modificar a forma dos moradores enxergarem o território onde vivem, contribuindo para uma criação coletiva do espaço a partir de um horizonte de senso crítico e transformador.

Buscamos apresentar neste trabalho a construção de cartografia social como ferramenta de participação popular para transformações urbanas em escala de bairro. Não esperamos que esse caminho seja tratado como um 'modelo ideal', mas seja uma colaboração para outros estudos e experiência que utilizam esse tipo de mapeamento, e pactuação de objetivos de transformação territorial em escalas locais. Esperamos, desse modo, impulsionar a utilização de ferramentas participativas, podendo auxiliar na mitigação de conflitos urbanos e caminhar na garantia da manutenção de direitos sociais básicos nas cidades brasileiras.

Em primeiro lugar, a participação dos moradores na construção de objetivos de transformação urbana em curto, médio e longo prazo para o seu bairro sugere uma ampliação de uma cultura democrática que possa incorporar práticas cotidianas nas esferas públicas de debate, para além de vínculos políticos clientelistas e particularistas. Ressaltamos que a participação dos moradores gera estruturas horizontais de participação, capazes de produzir uma organização social em função de novos sistemas urbanos, contribuindo para facilitar o amplo acesso às políticas públicas e pautar ações coordenadas sobre o território. Destaca-se também o protagonismo de grupos e sujeitos em situação de vulnerabilidade social e exclusão territorial sobre decisões de transformações urbanas, de forma a criar práticas de debates sobre seu bairro, a fim de trazer luz aos conflitos urbanos e reduzir distintas relações de poder. Finalmente, o trabalho aqui proposto busca reforçar vínculos associativos dos moradores locais de forma a ampliar o debate sobre políticas públicas territoriais, planos urbanos e incentivar sua participação em propostas de transformações urbanas.

Dessa forma, a cartografia social não apenas denuncia desigualdades, mas também propõe caminhos para superá-las. Ao desafiar as narrativas hegemônicas e promover a inclusão de vozes diversas, a construção de mapas não-hegemônicos representam propostas participativas e engajadas com a realidade. Percebe-se que a cartografia social não é apenas uma ferramenta técnica, mas um ato político, cultural e social que fortalece a democracia e impulsiona o protagonismo comunitário na ampliação de direitos sociais urbanos e na redução de injustiças ambientais.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; Rodrigo, VIÉGAS. Cartografias sociais e território – um diálogo latino-americano. In: [ACSELRAD, Henri (org.)]. **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2013. p. 15-40.

ACSELRAD, Henri. Mapeamentos, identidades e territórios. In: **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010. p. 9-46.

ACSELRAD, Henri. **Cartografia social e território**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2011.

HARLEY, John Brian. **Mapas, saber e poder**. In: Confins - Revista Franco-Brasileira de Geografia, n° 5, 2009.

SANTOS, Renato Emerson. **Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder**. In: XII Colóquio de Geocrítica, 2012, Bogotá. Anais. Bogotá: Universidade de Barcelona, 2012. p. 1-16.